



*Paulo Celso da Silva (\*)*

***Manchester Paulista X Moscou  
Brasileira — “pitos” e apitos  
na relação de trabalho entre o  
operariado e a burguesia no  
início do século XX***

(\*) Professor de Realidade Socioeconômica e Política  
Brasileira na Universidade de Sorocaba — UNISO.



## **RESUMO**

As relações sociais no começo do século XX, em Sorocaba, sempre foram apresentadas em crônicas e artigos de maneira bucólica. A ideologia do trabalho garantiu a padrões homenagens em ruas, praças e monumentos, como os construtores da Manchester Paulista. Este artigo pretende apresentar o operariado na luta pela manutenção de sua força de trabalho e de como o apito era a voz do patronado ecoando pela cidade. A Moscou Paulista ou Brasileira foi relegada a segundo plano pela ideologia dominante. Ao operariado restou o anonimato do trabalho seriado e alienante.

## **ABSTRACT**

*Social relationships in Sorocaba in the early 20th century have always been shown in chronicles and articles in a bucolic manner. The ideology of work has perpetuated the memory of the bosses as the builders of the "Manchester Paulista" in street and square names and in monuments. This article intends to present the working class in its struggle to keep up its labor force and to show how the factory siren was the voice of the employer echoing around town. The "Paulista" or "Brazilian Moscow" was relegated to a secondary plan by the dominating ideology. The anonymity of repetitive and alienating work was all that was left to the working class.*

## INTRODUÇÃO

O apito de uma fábrica toca...Qual seria?

Para o operário do início do século, um apito era, prontamente, reconhecido.

Hoje, o exercício é de imaginação: imaginar a fábrica têxtil e seu apito. Todas as “grandes fábricas” já não existem. Restou o operário anônimo, suas histórias, seu cotidiano perdido para a historiografia oficial da cidade.

Este texto resgata um pouco disso, ou como nos coloca Ecléa Bosi: “...o tempo de lembrar traduz-se enfim, pelo tempo de trabalhar”<sup>1</sup>.

Resgatar o cotidiano operário não é tarefa fácil, dentro da historiografia sorocabana. A memória operária foi “trocada” pela “memória de prédios” e, na maioria dos casos, na memória do patronato da cidade.

A Manchester Paulista também foi Moscou Brasileira ou Moscou Paulista, mas não vingou. Vingou a história de uma cidade que trocou feira de muares por fábricas, couro por algodão, tropeiros por empresários.

Nas livrarias da cidade, ainda é possível — e até comum — encontrarmos cartões postais com a foto aérea e o título Manchester Paulista.

A ideologia do trabalho seriado, alienado e explorado sobrepôs a luta diária pela sobrevivência, a resistência de trabalhadores que ganhavam o centro para a ‘festa da greve’. Então, um dos poucos momentos onde o centro era deles e não do capital, na figura dos patrões.

Depoimentos de ex-operárias ilustram a mentalidade empresarial dominante: garantir sempre a manutenção da força do trabalho. O trabalho infantil, tão combatido no mundo de hoje, era tido como pedagógico e benéfico para **pobres**.

Ser pobre era o mesmo que ser operário. Ser operário era o mesmo que ser marginal e, por isso, deveria ser controlado desde o lar até o lazer. O cotidiano é intransferível.

---

1. BOSI, Ecléa — **Memória e Sociedade**. Lembrança de Velhos. São Paulo: EDUSP, 1987, p. XV

## MANCHESTER PAULISTA X MOSCOU PAULISTA

As fábricas sorocabanas serviram-se muito das máquinas produzidas na Inglaterra. A primeira fábrica que prosperou na cidade, em 1882, a Nossa Senhora da Ponte, comprou toda a maquinaria da empresa Curtis Sons & Co., de Manchester. Com o desenvolvimento industrial inglês era interessante ampliar o mercado de máquinas novas ou mesmo ultrapassadas para as indústrias inglesas.

A cidade de Sorocaba, que vinha fornecendo algodão àquele país, agora também começa a consumir máquinas inglesas.

Em 1904, quando Alfredo Maia chama Sorocaba de Manchester Paulista, a cidade conta com quatro fábricas têxteis de “grande porte”:

1882 — Nossa Senhora da Ponte

1890 — Votorantim e Santa Rosália

1896 — Santa Maria, além de duas fábricas de chapéus, várias manufaturas e artesanatos.

Interessante analisar que, atrás de um discurso inflamado, está a ideologia da classe burguesa, nesse momento (1904) tentando firmar-se como uma “classe para si..., pois esta...não conseguira formular um projeto político próprio”<sup>2</sup>.

Eram imigrantes ligados ao comércio, como Manoel José da Fonseca (algodão e tecidos); a estrada de ferro, como Frank Speers, George Oetterer, Francisco de Paula Mayrink, fundadores da Santa Rosália; e a bancos, como o Banco União, proprietário da Votorantim e também técnicos da indústria têxtil como o inglês Marchisio, ex-gerente das indústrias N. S. da Ponte que, associado a outros comerciantes, fundou a Santa Maria.

Retornando um pouco na história, vemos que o uso de trabalhadores livres está ligado à construção da ferrovia, “... a lei que definiu a nova política ferroviária em 1852 já vedava expressamente a utilização do braço escravo nos trabalhos da estrada”<sup>3</sup>. A ferrovia, em Sorocaba, foi fundada em 1870 e inaugurada para o tráfego em 1875.

Em 1882 a fábrica Nossa Senhora da Ponte anunciava no jornal local:

---

2. LEONARDI, Victor. Primeiras fábricas e forma do capital industrial in MENDES JR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo, **Brasil História — texto e consulta**. São Paulo: HUCITEC, p. 213, cap. LXIX.

3. MATOS, Odilon Nogueira de. Vias de Comunicação in **História Geral da Civilização brasileira**. Tomo II, v. 4, p. 46-51. Apud LEONARDI, op. cit. p. 218

“Precisa-se contractar rapazes de 12 a 15 anos para o serviço da machina de tecidos do Sr. Manoel José da Fonseca Para tratar na mesma machina com o Sr. Alexandre Marchisio<sup>4</sup>.

“Entre os meses de maio até novembro desse mesmo ano o Sr. Fonseca organizava e disciplinava o trabalho na sua indústria...”<sup>5</sup> Em 2 de dezembro de 1882 a fábrica foi oficialmente inaugurada.

Assim, mesmo antes da abolição, eram trabalhadores livres os ferroviários, têxteis, pedreiros e uma gama de manufactureiros e artesãos em Sorocaba.

No final dos anos 80 do século passado, a luta pela abolição acirra-se dentro do processo racional do trabalho, o escravo “atrapalhava” a burguesia ( enquanto capital empregado na compra) e os proletários (que não conseguiam-se organizar como classe e lutar pelos seus direitos).

Nesse momento, burgueses e proletários lutam numa batalha comum: a libertação dos escravos. Libertação que, na verdade, liberaria essas duas classes para travarem a luta de seus interesses antagônicos.

Em 1887, um grupo da burguesia comercial e industrial ligado à Loja Maçônica Perseverança III consegue, em dezembro, a libertação de todos os escravos locais.

Perceberam os burgueses que as relações de trabalho precisavam ser alteradas, “...daí que a liberdade do escravo não tenha se constituído em liberdade **para** o escravo e sim em liberdade para o burguês, isto é, para o capital...o que importava salvar não era a pessoa do cativo, mas sim o capital” <sup>6</sup>.

Sabiam também as dificuldades que a liberação da mão-de-obra escrava traria aos seus proprietários.

A 27 de dezembro de 1887 noticiava o jornal *Diário de Sorocaba*:

**SOROCABA REDIMIDA** — Domingo, 25 do corrente, reuniram-se no Paço da Câmara Municipal muitos senhores de escravos que haviam sido convocados pela Comissão Emancipadora. Aclamado presidente da Assembléia, o Dr. Ferreira Braga convidou para secretário o Ten. Cel. Cavalheiros e o Cap. Joaquim Firmino. Dizia o presidente da Assembléia ‘Não há dúvida que a transição do trabalho

4. Diário de Sorocaba, Anno II, nº 227, pág. 4, 1/3/1882

5. SCHRÖDER, Adelaide da Fonseca F. **Manoel José da Fonseca — Pioneiro da nossa indústria**. Sorocaba, 1960, pág 25

6. MARTINS, José de Souza. **O cativo da Terra** . 4.ed. São Paulo: HUCITEC, p. 110.

escravo para o trabalho livre, traria em começo dificuldades, mas que a prudência e a inteligência do paulista havia de vencer logo máxime aqueles que, convencendo-se que não pode haver meia liberdade para os escravos concederam-lhe liberdade incondicional e salário, como aqui alguns fazendeiros adotaram já, estendendo-se sobre o assunto com muito critério e lembrando medidas justas para regular o estado entre senhores e libertos.

A 1º de janeiro de 1888 foram entregues as cartas de liberdade para os 940 escravos inscritos em março de 1886 na cidade.

Apesar do número reduzido de escravos inscritos — se comparado a outras cidades — vemos que, se alguns fazendeiros tiveram problemas, por outro lado, a libertação adiantada começa a resolver questões e tensões que vinham-se agravando no sistema como um todo, entre elas, a da formação do mercado de trabalho livre<sup>7</sup>.

Mas, essa libertação adiantada não significava que o negro seria absorvido de imediato pela indústria que nascia; ao contrário, muitos continuaram com seus ex-senhores ou marginalizados por uma sociedade que se modernizava tecnicamente, preferindo a mão-de-obra especializada do imigrante.

A “Manchester Paulista” da burguesia era o centro da cidade, local de sua morada e das decisões, local da vida social e dos melhoramentos urbanos exigidos pelas “pessoas de nossa sociedade”.

Conforme nos alerta Martins, em sua obra sobre o cotidiano no subúrbio de São Paulo, “...a história de São Paulo tem sido escrita do centro para a periferia... mesmo quando se estuda a história da classe operária, que sempre viveu nos bairros e no subúrbio, prevalece essa orientação fora de contexto”<sup>8</sup>.

A “Manchester Paulista” era um ‘Centro Industrial’ independente da localização física de suas fábricas. E mais, independente do local de moradia dos operários.

No imaginário burguês centro industrial e centro da cidade estavam metamorfoseados, por isso independia da localização física.

---

7. ADEMIR GEBARA no seu estudo **Escravidão: Fugas e Controle Social**, apresenta as tensões entre o homem livre-escravo em diversas cidades do Estado de São Paulo, entre elas Sorocaba. Cadernos IFCH/UNICAMP nº 12, 2/84

8. MARTINS, José de Souza. **Subúrbio — Vida Cotidiana e História no Subúrbio da cidade de São Paulo**. São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha. São Paulo: Prefeitura de São Caetano do Sul/HUCITEC, 1992, p. 9

Como acontece com a burguesia dos países de industrialização tardia, o centro comercial de Sorocaba estava mais ligado ao centro comercial inglês do que ao resto da própria cidade.

No que diz respeito à vida social, o bucólico é sempre resgatado pelos escritos de hoje, como é o exemplo de Ângelo Vial, ex-operário e depois industrial em Sorocaba, referindo-se à cidade como “pacata cidade surpresa com a agitação dos trabalhadores, seus discursos e comícios”<sup>9</sup>. Outros retratavam apenas o progresso industrial, “...Sorocaba indiscutivelmente cresce com a realidade, ocupando o primeiro lugar, já não se exceptuando cidade alguma do interior, já atendendo-se à relação entre a própria capital”<sup>10</sup>.

As referências ou são bucólicas ou ufanistas. O operariado, quando aparece, é citado como favorecido pela indústria local, “...um dos mais importantes núcleos do trabalho do nosso paiz, situado na Vila Industrial [Votorantim] e que **facilita** o meio de subsistência a mais de quatro mil pessoas”<sup>11</sup>.

A Manchester Paulista, no imaginário burguês, repetia na sua vida quotidiana a “ordem e o progresso” das fábricas, vez ou outra afetada pela agitação de um ou outro operário mais inflamado.

“O operário era concebido pela burguesia ou como um agitador e marginal perigoso, espécie de bandido infiltrado na fábrica ou, na melhor das hipóteses, como um ignorante ou débil mental que necessitava da proteção do capitalista”<sup>12</sup>.

A esse marginal ou ignorante “...era necessário reprimi-lo ou controlá-lo, sob as ordens capitalistas, dentro e fora da ‘fábrica’”<sup>13</sup>.

O paternalismo era patente na relação burguesia-proletariado “...Fonseca... amparava a pobreza de tôdas as formas. Quando sabia algum dos seus operários doentes, ia logo visita-lo pessoalmente, ou mandava alguém levar o necessário para a cura e o sustento, e da família”<sup>14</sup>. O proprietário da primeira fábrica têxtil de Sorocaba (Manoel José da Fonseca), como os outros industriais sorocabanos,

---

9. OLIVEIRA, Sérgio C. **São Paulo de Sorocaba**. In IPESI Grupo Gilberto Huber, SP, 1986, pág. 23.

10. CESAR, F. Camargo, **Sorocaba Industrial**. In **Almanach Ilustrado de Sorocaba**. Sorocaba: Typographia Werneck, 1912, p. 42.

11. Id., ib. Grifo nosso.

12. HARDMAN, Francisco Foot. Trabalho urbano e vida operária. In MENDES JR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo (org.), **Brasil História — texto e consulta**. São Paulo: HUCITEC, 1991, p. 287.

13. Id., ib.

14. SCHRÖDER, Adelaide — op.cit. p. 41.

tinha “consciência” da necessidade da manutenção da força de trabalho para o operário continuar produzindo...e pobre.

Nos anos que se seguiram, outros comerciantes e pequenos industriais iriam aumentar o número de indústrias e cidadãos proletarizados em Sorocaba.

Alguns sobrenomes começam a se destacar na sociedade sorocabana, como Scarpa e Pereira Ignácio, que se tornariam nacionalmente conhecidos como grandes industriais em diversos ramos. O primeiro, com mais de 40 fábricas de tecido, óleo, calçados, farinha, telefone, explosivos, e o segundo adquire, com a falência do Banco União, a Fábrica Votorantim, em 1917, ampliando suas propriedades industriais em vários setores.

A cidade industrializada cresce, os melhoramentos urbanos auxiliam com a infra-estrutura necessária: até 1903 foram-se completando as ligações domiciliares de água e esgoto, o serviço telefônico em 1912, a energia elétrica em 1914, e os bondes em 1915.

No estudo sobre as bases físicas da industrialização de Sorocaba, na década de 50, Santos afirmava: “...as antigas fábricas de tecidos da cidade de Sorocaba, viram-se às voltas apenas com melhoramentos internos e renovação da maquinária e são estas mesmas fábricas que constituem hoje, o grupo têxtil de Sorocaba”<sup>15</sup>.

Podemos acrescentar ainda que novas sociedades se formaram em diversos momentos, adquirindo ou apenas alterando a razão social das antigas fábricas. “A indústria aparecera na região numa época em que era preciso contar apenas com a matéria-prima e com a mão de obra... Sorocaba que teve as primeiras grandes indústrias do Estado e uma das primeiras usinas hidro-elétricas de vulto no sul do país, viu-se, na segunda década do século XX, rapidamente ultrapassada pelo parque industrial paulistano”<sup>16</sup>.

Como terá sido considerado o papel do operariado nessa fase da decadência, com a hegemonia do parque industrial paulistano?

Um fator considerado, senão único, o mais importante para essa “parada no desenvolvimento industrial” é justamente o da “culpa do operário”...

... Já nos primeiros anos do século XX, quando um surto industrial tomava conta da cidade, aparece, ao lado das fábricas e dos operários, a figura do

---

15. SANTOS, Elina. **A industrialização de Sorocaba. Base Geográfica.** Tese de doutoramento apresentada à cadeira de Geografia Física da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, SP, 1950, p. 58

16. SANTOS, Elina. **A industrialização...** op.cit. p. 58

anarquista, liderando “paredes”. E tal comportamento, como seria de se esperar, alarmou a classe empresarial sorocabana, **constituindo-se num dos fatores limitantes, daí para frente, da crescente industrialização da cidade**<sup>17</sup>.

A construção do imaginário fabril da Moscou Brasileira ou Moscou Paulista, entretanto, não foi tarefa fácil.

Apesar da ocorrência das greves, manifestações e ‘agitações’, devemos lembrar que nesses mesmos “primeiros anos do século XX”, havia por parte do operariado interesse de que a indústria conseguisse manter-se.

Um exemplo disso podemos ver na imprensa local, quando da notícia do envio ao Congresso de um documento solicitando a proteção para a indústria nacional, acrescentando que “... é o instinto de conservação que impele os abaixo assinados...”<sup>18</sup>

Mas, analisemos melhor a afirmação de Oliveira, antes citada.

Conforme o articulista, **“aparece, ao lado das fábricas e dos operários, a figura do anarquista”**. O líder não faz parte do meio operário, está fora do movimento, apenas quer agitar, tirar o operário da passividade e obediência que convém à burguesia ou que imagina a burguesia. Mais adiante diz o articulista: **“Sempre vanguardeira, Sorocaba foi o maior espaço para início do domínio dos vermelhos...buscando em seguida um lugar ao sol na política sorocabana”**<sup>19</sup>. Assim, sugere o autor que a liderança operária queria mesmo era ascender socialmente para a burguesia e desfrutar ao “Sol do Capital”.

Anteriormente, transcrevemos palavras do ex-operário e, depois, industrial Ângelo Vial que aludia a susto dos sorocabanos com a “agitação operária”.

Como uma cidade operária pode ser pacata? Conforme o levantamento de Genésio Machado para o Almanaque de Sorocaba (1950), intitulado “Sorocaba no Século XX”, a cidade não era tão pacata quanto imaginam alguns. Vejamos:

“1901 — Aparecem com abundância jornais críticos e literários, na sua maioria composta na Casa Durski<sup>20</sup>.

---

17. OLIVEIRA, Sérgio C. *São Paulo de Sorocaba*, op.cit. p. 23

18. *Jornal O 15 de Novembro*, 2/8/1905.

19. Idem. *Grifo nosso*.

20. Conforme BONADIO “...uma bem montada tipografia de Sorocaba que, entre outras impressões está a revista *Fim de Século*, de idéias socialistas. BONADIO, Geraldo — *O Partido Democrata Socialista e o jornal A Conquista do Bem*, 1907. Uua tentativa de organização política na indústria. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras, 1992, p. 15.

1902 — Declara-se a primeira greve dos operários da Cia. de Estrada de Ferro Sorocabana; o jornal *Comércio de Sorocaba*, que tinha como redator o jornalista Henrique Lopes, foi um dos incentivadores intelectuais desse movimento. As autoridades intervieram e tudo retornou à paz.

1907 — A 21 de julho, numa das exhibições de pantomima, que era um tanto realista, alguns espectadores protestaram com violência degenerando esse protesto em conflito, com troca de tiros entre os populares e a polícia, resultando vários feridos.

1910 — A 20 de junho, às 21 horas mais ou menos, quando uma passeata política de desagravo fronteava o edifício do Jornal *Cruzeiro do Sul...* verificou-se violento tiroteio sendo os manifestantes dispersados, constatando-se que, além de numerosos feridos, haviam perdido a vida os integrantes Lino, Gastão e Belmiro.”<sup>21</sup>

Essas poucas notícias do cotidiano sorocabano podem mostrar-nos que a cidade não era tão pacata, mas havia um cotidiano marcado por acontecimentos que “movimentavam a cidade”.

A vida social, parece acertado, tinha ingredientes que atestavam o descontentamento das classes operárias e pobres.

Acontecimentos que, na sua essência, questionavam a sociedade de classes da realidade do começo do século.

Mas a Moscou Brasileira ou Paulista do imaginário “obrero” não era a mesma Manchester Paulista do imaginário burguês.

No mesmo artigo de Machado encontramos:

“1909 — Diversas pessoas da nossa sociedade fizeram uma representação à Câmara, fazendo sentir a necessidade da criação de um ginásio, em Sorocaba, equiparado ao Ginásio Nacional”<sup>22</sup>.

As tais “pessoas da nossa sociedade, que altruisticamente não queriam aparecer; diferente dos muitos Linos, Gastões e Belmiros que surgiam entre as classes mais pobres; solicitavam e eram atendidas: um prédio no centro da cidade, local da burguesia industrial e comercial.

Assim descreve o mesmo *Almanaque de Sorocaba*, 1950:

---

21. MACHADO, Genésio. *Sorocaba no século XX*. In *Almanaque de Sorocaba*, 1950, p. 41-2.

22. Id., ib.

**VILAS OPERÁRIAS.** A Cia. Nacional de Estamparia edificou para seus operários em Santa Rosália, uma verdadeira cidade-jardim, com cerca de 500 “*bungalows*” (sic) e que constitui passeio obrigatório de todo visitante de Sorocaba. Amplas avenidas arborizadas, igreja, grupo escolar, hospital, estádio, jardins, lojas, posto de abastecimento caracterizam bem o verdadeiro **burgo** que ali cresceu. Além da Vila Santo Antônio próxima a fábrica do mesmo nome, conta com 200 residências<sup>23</sup>.

Acrescentamos ainda as Vilas Operárias da Santa Maria e da Votorantim.

Realmente, ainda que o articulista estivesse utilizando uma figura de linguagem, o “verdadeiro burgo” refletia a situação do operariado local em relação ao patronado: dependência.

“A vida operária nessas vilas era um prolongamento da rígida disciplina imposta no regime de trabalho fabril... Além da presença paternalista conservadora dos patrões, o controle social sobre as famílias de trabalhadores, nessas vilas operárias, se fazia presente através de escolas para as crianças, creches, armazéns e capelas, onde se veiculava a ideologia dominante”<sup>24</sup>.

Apenas para ilustrar a dominação e o controle do patronato sobre os operários, citamos alguns trechos das entrevistas que fizemos com moradores dos atuais bairros operários. “Lá na Votorantim, o gerente resolvia até as brigas de crianças e seus pais corriam o risco de levar suspensões ou advertências conforme a gravidade do caso. O gerente ficava de janela aberta vendo a gente brincar no pátio”<sup>25</sup>.

O ano em que isso se passou foi 1967...

Outro relato de uma moradora da Vila Santa Maria: “Minha mãe era viúva com cinco filhos pequenos. Os maiores trabalhavam com ela na fábrica, na Santa Maria. Eram tantas horas que a gente dormia escondida embaixo das máquinas. Coisa de criança. O que a gente ganhava ia direto para minha mãe. Não ficava com nada. Ela era muito ajudada pelos donos, eles gostavam dela. Ela saía da fábrica e ia direto fazer janta na casa deles. Que ano foi? Ah! Acho que 44 ou 45”<sup>26</sup>.

---

23. **Almanaque de Sorocaba 1950.** Sorocaba, 1950, p. 121.

24. HARDMAN, op. cit. pág. 290.

25. Depoimento de uma ex-funcionária da Fábrica Votorantim, entrevistada em 1994.

26. Depoimento da Sra. Eulza T. C. da Silva, ex-moradora da Vila Santa Maria. Entrevistada em 1994.

Os relatos usados mostram que a situação da classe operária em Sorocaba ficou marcada muito tempo pela dominação, paternalismo, assistencialismo dos empresários locais.

Outro ingrediente da Moscou Brasileira ou Paulista eram os apitos...

### NO RITMO DO APITO

RELÓGIO  
AS COISAS SÃO

As coisas vêm

As coisas vão

As coisas

Vão e vêm

Não em vão

As horas

Vão e vêm

Não em vão

(Oswald de Andrade)

**“Quando o apito da fábrica de tecidos vem ferir meus ouvidos eu me lembro de você. (Noel Rosa — Três Apitos)**

Nas crônicas sobre o início da industrialização o apito é o relógio da cidade, o que “regulava a vida dos sorocabanos... Os apitos... eram uma marca registrada da vida urbana de Sorocaba”<sup>27</sup>. A cronista Neide B. Mantovani recorda seu cotidiano em Sorocaba, quando criança:

Vinte e duas horas. Soava o último apito do dia. Era a Santa Maria que no seu silvo longo avisava o pessoal da 3ª turma que o seu dia de trabalho iria começar. Lembro-me de que, na minha infância, geralmente a essa hora nós, crianças, já estávamos na cama e... fazíamos aposta para ver quem ouvia o apito por mais tempo... Depois que ficamos mais crescidos, nas noites quentes de verão, tínhamos permissão para brincar na rua até apitar 10 horas. Este sinal também valia para, quando já moças, saíamos para passear na praça ou namorar... <sup>28</sup>.

Estórias como essa são comuns por toda a cidade.

A ideologia do trabalho seriado e obediente é incorporado pela classe trabalhadora, em todos os níveis de sua existência. A ditadura do relógio — do patrão

---

27. **Sorocaba 337 anos**. Caderno/revista publicado pelo *Cruzeiro do Sul*, jornal diário em 15/8/91, p. 84.

28. Id.

— regula a vida do trabalho, do lazer, das refeições, do amor e assume o caráter simbólico da presença constante do patrão: “A cidade era calma e os apitos podiam ser ouvidos à longa distância”<sup>29</sup>.

Novamente a idéia da cidade pacata e bucólica.

Na verdade, o apito que se ouve , à longa distância, pode ser reconhecido como a voz do patronado ou “chamando para o trabalho” ou “alertando” os operários para o fim do lazer e hora do descanso diário.

Descansar para retomar, noutro dia, o trabalho e a produção. “O horário de trabalho era bem amargo. Os operários entravam às cinco horas da manhã, com as estrelas bem visíveis. Tinham quarenta e cinco minutos para o almoço, às onze horas. Depois continuavam sua faina até as oito horas da noite, voltando para seus tugúrios ainda sob a luz das estrelas”<sup>30</sup>.

Pelo relato pessoal do autor sorocabano, nascido em 1900, morador da vila operária de Santa Rosália, na vida do operário o apito cabia mais para retornar ao trabalho do que para retirá-lo do lazer.

Em nome da ordem e da pontualidade, criou-se o apito e suas variações, cabendo ao operário aprendê-los e responder prontamente a eles. O cotidiano do apito não é de alegria, pois o ritmo não era de festa, mas da máquina. Da modernidade aberta com o ‘século do tecelão’ na cidade, modernidade para alguns, precariedade para a maioria.

A condição do operário, no início do século, em Sorocaba, não diferenciava muito da maioria do Brasil: péssima. Não havia leis previdenciárias, regularização das horas de trabalho dos homens, mulheres e crianças e ainda, nenhuma estabilidade ou garantia da permanência no emprego.

Mas o operariado reage, manifesta suas necessidades e descontentamentos, tentando unir-se em associações mutualistas. Na maioria são imigrantes italianos, espanhóis e portugueses. As associações garantiam o direito a “...cada associado e respectiva família...serviços médicos e farmacêuticos, ajuda em dinheiro durante doença, invalidez ou desemprego, além de pensões às viúvas, velhos, órfãos”<sup>31</sup>. Algumas possuíam escola e promoviam conferências em suas sedes.

---

29. Id.

30. PENTEADO, Jacob. *Belenzinho, 1910 (retrato de uma época)*. São Paulo: Martins Fontes, 1965, p. 29.

31. GODOY, Antonio Carlos de. *Votorantim- Estudo sobre a formação da empresa industrial no Brasil*. Dissertação de Mestrado, USP/DCS, 1975, p. 44.

Na luta ideológica entre as duas classes sociais, que queriam firmar-se, ficou a Manchester Paulista: cidade das indústrias — e dos apitos, mas não do operariado — e do progresso. Cidade que soube lutar pelo seu desenvolvimento.

À Moscou Brasileira coube o esquecimento, a “culpa” por querer melhores condições de vida, a “vergonha” por não enriquecer trabalhando.

## CONCLUSÃO

O apito cessou... De qual seria?

Como vimos, uma cidade não é apenas construída no seu dia-a-dia. Ela é, também, **consumida**.

Fruto de relações sociais diversas — feiras de muares, comércio de algodão, ferrovia, indústrias — a cidade que hoje vemos, ainda guarda rugosidades, isto é, marcas do passado no presente.

O casarão dos Scarpas insiste, imponente, em permanecer no centro da cidade. A vila operária e o Clube Scarpa há muito se foram. Maylasky ainda aponta o dedo, imortalizado numa estátua, em frente à ferrovia que “ele construiu”. A escola com o mesmo nome fechou no ano de 1996, e a “Sorocabana”, para os mais velhos, ou FEPASA, para os novos, será privatizada.

Da fábrica Santa Maria sobrou uma chaminé, erguida no meio de escombros, à espera de uma definição de vários órgãos oficiais X iniciativa privada. A Vila Santa Maria, totalmente descaracterizada, sobrou... Alguma memória operária pode ser conseguida, conversando com alguns poucos moradores mais antigos.

No centro, ruas homenageiam o patronado: Francisco Scarpa, Manoel José da Fonseca, Souza Pereira... As muitas Marias, os muitos Joaquins e Josés continuam anônimos, como antes.

As novas gerações talvez nem falem mais em Manchester Paulista, já que, conforme o IBGE em recente pesquisa, a cidade tornou-se prestadora de serviços. Que nome ela terá?

Como a ideologia da globalização denominará Sorocaba?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BONADIO, Geraldo. **O Partido Democrata Socialista e o jornal A Conquista do Bem, 1907. Uma tentativa de organização política na indústria**. Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras, 1992.

2. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: EDUSP, 1987.
3. CÉSAR, F. Camargo. Sorocaba Industrial. **Almanach Ilustrado de Sorocaba**. Sorocaba, 1912.
5. **DIÁRIO de Sorocaba**, ano II, n. 227, 1 mar. 1882. Classificados.
6. GEBARA, Ademir. Escravidão, fugas e controle social. **Cadernos do IFCH**. Campinas, n. 12, fev. 1984.
7. GODOY, Antonio Carlos de. **Votorantim. Estudo sobre a formação da empresa industrial no Brasil**. São Paulo: USP, 1965. Dissertação de Mestrado
8. MACHADO, Genésio. Sorocaba no sec. XX. **Almanaque de Sorocaba**, Sorocaba, 1950.
9. MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: HUCITEC, 1990.
10. —. **Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo. São Caetano do fim do Império ao fim da Republica Velha**. São Paulo: HUCITEC, 1992.
11. MENDES JR, Antonio, MARANHÃO, Ricardo. Brasil. **História**. São Paulo: HUCITEC, 1991.
12. OLIVEIRA, Sérgio. São Paulo de Sorocaba. **IPESI**. São Paulo, 1986.
13. PENTEADO, Jacob. **Belenzinho, 1910: retrato de uma época**. São Paulo: Martins Fontes, 1965.
14. **PROTEÇÃO** a indústria nacional. **O 15 de Novembro**, Sorocaba, 2 ago. 1905. p.3
15. SANTOS, Elina. **A industrialização de Sorocaba: base geográfica**. São Paulo: USP, 1950. Tese de Doutorado.
16. SOROCABA, 337 anos. **Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 15 ago. 1991. Edição comemorativa.